

opusdei.org

# Homilia de Natal “O triunfo de Cristo na humildade”

Áudio e texto completo da homilia de Natal “O triunfo de Cristo na humildade”, pronunciada por São Josemaria em 24/12/1963, publicada em "É Cristo que passa".

24/12/2024

*Lux fulgebit hodie super nos, quia natus est nobis Dominus*, hoje brilhará sobre nós a luz, porque nos nasceu o Senhor! Eis a grande

novidade que comove os cristãos e que, através deles, se dirige à humanidade inteira.

Deus está aqui! Esta verdade deve tomar posse de nossas vidas. Cada Natal deve ser para nós um novo encontro especial com Deus, que deixe a sua luz e a sua graça penetrarem até o fundo da nossa alma.

Detemo-nos diante do Menino, de Maria e de José; estamos contemplando o Filho de Deus revestido da nossa carne... Vem-me à memória a viagem que fiz a Loreto, em 15 de agosto de 1951, para visitar a Santa Casa por um motivo muito íntimo. Lá celebrei a Santa Missa. Queria dizê-la com recolhimento, mas não tinha contado com o fervor da multidão. Não tinha calculado que, nesse grande dia de festa, muitas pessoas dos arredores viriam a Loreto, com a bendita fé dessa terra

e com o amor que têm à Madona. E a sua piedade, considerando as coisas - como diria? - unicamente do ponto de vista das leis rituais da Igreja, levava-as a manifestações não muito apropriadas.

E assim, enquanto eu beijava o altar, nos momentos prescritos pelas rubricas da Missa, três ou quatro camponeses beijavam-no ao mesmo tempo. Distraía-me, mas estava emocionado. E também me atraía a atenção o pensamento de que naquela Santa Casa - que a tradição assegura ser o lugar onde viveram Jesus, Maria e José -, em cima da mesa do altar, se tinham gravado estas palavras: *Hic Verbum caro factum est*. Aqui, numa casa construída pelas mãos dos homens, num pedaço da terra em que vivemos, habitou Deus!

O Filho de Deus fez-se carne e é *perfectus Deus, perfectus homo*,

perfeito Deus e perfeito homem! Há neste mistério qualquer coisa que deveria emocionar os cristãos.

Estava e estou comovido; gostaria de voltar a Loreto... Vou lá em desejo, para reviver os anos da infância de Jesus, repetindo e considerando: *Hic Verbum caro factum est!*

*Iesus Christus, Deus Homo*, Jesus Cristo, Deus-Homem! Eis uma das *magnalia Dei*, uma das maravilhas de Deus em que temos de meditar e que precisamos agradecer a este Senhor que veio trazer *a paz na terra aos homens de boa vontade*, a todos os homens que querem unir a sua vontade à Vontade boa de Deus. Não só aos ricos, nem só aos pobres! A todos os homens, a todos os irmãos! Pois irmãos somos todos em Jesus: filhos de Deus, irmãos de Cristo. E sua Mãe é nossa Mãe.

Na terra, há apenas uma raça: a raça dos filhos de Deus. Todos devemos

falar a mesma língua: a que nosso Pai que está nos Céus nos ensina, a língua dos diálogos de Jesus com seu Pai, a língua que se fala com o coração e com a cabeça, aquela que estamos usando agora na nossa oração. É a língua das almas contemplativas, dos homens que são espirituais por se terem apercebido da sua filiação divina; uma língua que se manifesta em mil moções da vontade, em luzes vivas do entendimento, em afetos do coração, em decisões de retidão de vida, de bem-fazer, de alegria, de paz.

É preciso ver o Menino, nosso Amor, no seu berço, olhar para Ele sabendo que estamos perante um mistério. Precisamos aceitar o mistério pela fé, aprofundar no seu conteúdo. Para isso necessitamos das disposições humildes da alma cristã: não pretender reduzir a grandeza de Deus aos nossos pobres conceitos, às nossas explicações humanas, mas

compreender que esse mistério, na sua obscuridade, é uma luz que guia a vida dos homens.

*Vemos - diz São João Crisóstomo - que Jesus saiu de nós, da nossa substância humana, e que nasceu de Mãe virgem; mas não entendemos como pôde ter-se realizado esse prodígio. Não nos cansemos tentando descobri-lo: aceitemos antes com humildade o que Deus nos revelou, sem esquadriñar com curiosidade o que Deus nos escondeu. Assim, com este acatamento, saberemos compreender e amar; e o mistério será para nós um esplêndido ensinamento, mais convincente que qualquer raciocínio humano.*

Ao falar diante do Presépio, sempre procurei ver Cristo Nosso Senhor desta maneira, envolto em paninhos, sobre a palha de uma mangedoura; e, enquanto ainda é Menino e não diz nada, vê-lo já como Doutor, como

Mestre. Preciso considerá-lo assim, porque tenho que aprender dEle. E, para aprender dEle, é necessário conhecer a sua vida: ler o Santo Evangelho, meditar no sentido divino do caminhar terreno de Jesus.

Na verdade, temos que reproduzir em nossa vida a vida de Cristo, conhecendo Cristo à força de ler a Sagrada Escritura e de a meditar, à força de fazer oração, como agora a estamos fazendo diante do Presépio. É preciso entender as lições que nos dá Jesus já desde Menino, desde recém-nascido, desde que seus olhos se abriram para esta bendita terra dos homens.

Jesus, crescendo e vivendo como um de nós, revela-nos que a existência humana, a vida comum e de cada dia, tem um sentido divino. Por muito que tenhamos considerado estas verdades, devemos encher-nos sempre de admiração ao pensar nos

trinta anos de obscuridade que constituem a maior parte da vida de Jesus entre seus irmãos, os homens. Anos de sombra, mas, para nós, claros como a luz do Sol. Mais: resplendor que ilumina os nossos dias e que lhes dá uma autêntica projeção, pois somos cristãos comuns, com uma vida vulgar, igual à de tantos milhões de pessoas nos mais diversos lugares do mundo.

Assim viveu Jesus durante seis lustros: era *fabri filius*, o filho do carpinteiro. Virão depois os três anos de vida pública, com o clamor das multidões. E as pessoas surpreendem-se: Quem é este? Onde aprendeu tantas coisas? Pois a sua vida tinha sido a vida comum do povo da sua terra. Era o *faber, filius Mariae*, o carpinteiro, filho de Maria. E era Deus; e estava realizando a redenção do gênero humano; e estava a *atrair a Si todas as coisas*



Como em relação a qualquer outro aspecto da sua vida, nunca deveríamos contemplar esses anos ocultos de Jesus sem nos sentirmos afetados, sem os reconhecermos como o que realmente são: chamadas que o Senhor nos dirige para sairmos do nosso egoísmo, do nosso comodismo. O Senhor conhece as nossas limitações, o nosso individualismo e a nossa ambição; a nossa dificuldade em nos esquecermos de nós mesmos e nos entregarmos aos outros. Sabe o que é não encontrar amor e verificar que, mesmo aqueles que dizem segui-lo, só o fazem a meias. Recordemos as cenas tremendas que os Evangelistas nos descrevem e em que vemos os Apóstolos ainda cheios de aspirações temporais e de projetos exclusivamente humanos. Mas Jesus escolheu-os, mantém-nos juntos de si e confia-lhes a missão que recebeu do Pai.

Também a nós nos chama e nos pergunta, como a Tiago e a João: *Potestis bibere calicem quem ego bibiturus sum?*; estais dispostos a beber o cálice - este cálice da completa entrega ao cumprimento da vontade do Pai - que eu vou beber? *Possumus!* Sim, estamos dispostos, é a resposta de João e de Tiago... Vós e eu estamos dispostos seriamente a cumprir, em tudo, a vontade do nosso Pai-Deus? Demos ao Senhor nosso coração inteiro, ou continuamos apegados a nós mesmos, aos nossos interesses, à nossa comodidade, ao nosso amor próprio? Há em nós alguma coisa que não corresponda à nossa condição de cristãos e que nos impeça de nos purificarmos? Hoje apresenta-se-nos a ocasião de retificar.

É necessário que nos convençamos de que Jesus nos dirige pessoalmente estas perguntas. É Ele quem as faz,

não eu. Eu não me atrevera a fazê-las a mim próprio. Eu vou continuando a minha oração em voz alta, e vós, cada um de vós, por dentro, está confessando ao Senhor: Senhor, que pouco valho! Que covarde tenho sido tantas vezes! Quantos erros! Nesta ocasião e naquela...; nisto e naquilo... E podemos exclamar também: Ainda bem, Senhor, que me tens sustentado com a tua mão, porque me sinto capaz de todas as infâmias... Não me largues, não me deixes; trata-me sempre como a um menino. Que eu seja forte, valente, íntegro. Mas ajuda-me como a uma criatura inexperiente. Leva-me pela tua mão, Senhor, e faz com que tua Mãe esteja também a meu lado e me proteja. E assim, *possumus!*, poderemos, seremos capazes de ter-Te por modelo.

Não é presunção afirmar *possumus!*  
Jesus Cristo ensina-nos este caminho

divino e pede-nos que o  
empreendamos, porque Ele o tomou  
humano e acessível à nossa fraqueza.  
Por isso se rebaixou tanto: *Este foi o  
motivo por que se abateu, tomando  
forma de servo aquele Senhor que,  
como Deus, era igual ao Pai; mas  
abateu-se na majestade e na potência;  
não na bondade nem na misericórdia.*

A bondade de Deus quer facilitar-nos  
o caminho. Não rejeitemos o convite  
de Jesus, não lhe digamos *não*, não  
nos façamos surdos ao seu  
chamamento, pois não existem  
desculpas, não temos motivo  
nenhum para continuar a pensar que  
não podemos. Ele ensinou-nos com o  
seu exemplo. *Portanto, peço-vos  
encarecidamente, meus irmãos, que  
não permitais que se vos tenha  
mostrado em vão modelo tão  
precioso, mas que vos conformeis com  
Ele e vos renoveis no espírito da vossa  
alma.*

Vemos como é necessário conhecer Jesus, observar amorosamente a sua vida? Muitas vezes fui à procura da definição, da biografia de Jesus na Sagrada Escritura. Encontrei-a lendo aquela que o Espírito Santo registra em duas palavras: *Pertransiit benefaciendo*. Todos os dias de Jesus Cristo na terra, desde o seu nascimento até à morte, *pertransiit benefaciendo*, foram preenchidos fazendo o bem. Como também diz a Escritura noutro lugar: *Bene omnia fecit*, fez tudo bem, terminou bem todas as coisas, não fez senão o bem.

E tu? E eu? Lancemos um olhar sobre a nossa vida, para ver se temos alguma coisa que emendar. Eu, sim, encontro em mim muito que fazer. E como me vejo incapaz, só por mim, de praticar o bem, e como o próprio Jesus nos disse que sem Ele nada podemos, vamos, tu e eu, implorar ao Senhor a sua assistência por meio de sua Mãe, neste colóquio íntimo,

próprio das almas que amam a Deus. Não acrescento mais nada, porque é cada um de vós que deve falar, segundo as suas necessidades. Por dentro, e sem ruído de palavras, neste mesmo momento em que vos dou estes conselhos, aplico esta doutrina à minha própria miséria.

*Pertransiit benefaciendo...* O que fez Jesus para derramar tanto bem, e só bem, por onde quer que passasse? Os Santos Evangelhos transmitiram-nos outra biografia de Jesus, resumida em três palavras latinas que nos dão a resposta: *Erat subditus illis*, obedecia. Hoje, que o ambiente está cheio de desobediência, de murmuração, de desunião, devemos amar especialmente a obediência.

Sou muito amigo da liberdade, e precisamente por isso estimo tanto essa virtude cristã. Devemos sentir-nos filhos de Deus e viver com o empenho de cumprir a vontade do

nosso Pai, de realizar tudo segundo o querer de Deus, simplesmente *porque nos apetece*, que é a razão mais sobrenatural.

O espírito do Opus Dei, que tenho procurado praticar e ensinar há mais de trinta e cinco anos, fez-me compreender e amar a liberdade pessoal. Quando Deus Nosso Senhor concede a sua graça aos homens, quando os chama com uma vocação específica, é como se lhes estendesse a mão, uma mão paternal, cheia de fortaleza, repleta sobretudo de amor, porque nos busca um por um, como a suas filhas e filhos, e porque conhece a nossa debilidade. O Senhor espera que façamos o esforço de agarrar a sua mão, essa mão que nos estende. Deus pede-nos um esforço, que será prova da nossa liberdade. E para consegui-lo, temos que ser humildes, temos que nos sentir filhos pequenos, e amar a bendita obediência com que

correspondemos à bendita paternidade de Deus.

Precisamos deixar que o Senhor intervenha em nossas vidas e que intervenha confiadamente, sem encontrar obstáculos nem recantos obscuros. Nós, os homens, tendemos a *defender-nos*, a apegar-nos ao nosso egoísmo. Sempre tentamos ser reis, nem que seja do reino da nossa miséria. Devemos compreender, através desta consideração, o motivo pelo qual temos necessidade de recorrer a Jesus: é para que Ele nos torne verdadeiramente livres, e desta forma possamos servir a Deus e a todos os homens. Só assim perceberemos a verdade daquelas palavras de São Paulo: *Agora, porém, livres do pecado e feitos servos de Deus, tendes por fruto a santificação e por fim a vida eterna. Porque o salário do pecado é a morte, ao passo que o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Nosso Senhor Jesus Cristo.*



Estejamos precavidos, portanto, visto que a nossa tendência para o egoísmo não morre, e a tentação pode insinuar-se de muitas maneiras. Deus exige que, ao obedecer, ponhamos em movimento a fé, porque a sua vontade não se manifesta com aparato ruidoso. As vezes, o Senhor sugere o seu querer como que em voz baixa, lá no fundo da consciência; e é necessário escutarmos atentamente, para sabermos distinguir essa voz e ser-lhe fiéis.

Muitas vezes fala-nos através de outros homens, e pode acontecer que, à vista dos defeitos dessas pessoas, ou pensando que não estão bem informadas, que talvez não tenham entendido todos os dados do problema, surja como que um convite para não obedecer.

Tudo isso pode ter um significado divino, porque Deus não nos impõe

uma obediência cega, mas uma obediência inteligente, e temos que sentir a responsabilidade de ajudar os outros com a luz do nosso entendimento. Mas sejamos sinceros conosco mesmos: examinemos em cada caso se nos deixamos conduzir pelo amor à verdade ou antes pelo egoísmo e pelo apego aos nossos próprios critérios. Quando as nossas idéias nos separam dos outros, quando nos levam a quebrar a comunhão, a unidade com nossos irmãos, é sinal certo de que não estamos agindo segundo o espírito de Deus.

Não o esqueçamos: para obedecer, repito, é precisa humildade. Vejamos de novo o exemplo de Cristo. Jesus obedece, e obedece a José e a Maria. Deus veio à terra para obedecer, e para obedecer às criaturas. São duas criaturas perfeitíssimas: Santa Maria, nossa Mãe - mais do que Ela só Deus -, e aquele varão castíssimo, José.

Mas criaturas. E Jesus, que é Deus, obedecia-lhes! Temos que amar a Deus, para amar assim a sua vontade, e ter desejos de corresponder aos chamamentos que nos dirige através das obrigações da nossa vida de todos os dias: nos deveres de estado, na profissão, no trabalho, na família, no convívio social, no nosso próprio sofrimento e no sofrimento dos outros homens, na amizade, no empenho em realizar o que é bom e justo...

Quando chega o Natal, gosto de contemplar as imagens do Menino Jesus. Essas figuras, que nos mostram o Senhor tão humilhado, recordam-me que Deus nos chama, que o Onipotente quis apresentar-se desvalido, quis necessitar dos homens. Da gruta de Belém, Cristo diz a mim e a ti que precisa de nós; reclama de nós uma vida cristã sem hesitações, uma vida de doação, de trabalho, de alegria.

Não conseguiremos jamais o verdadeiro bom humor, se não imitarmos deveras Jesus, se não formos humildes como Ele. Insistirei de novo: vemos onde se oculta a grandeza de Deus? Num presépio, nuns paninhos, numa gruta. A eficácia redentora de nossas vidas só se produzirá se houver humildade, se deixarmos de pensar em nós mesmos e sentirmos a responsabilidade de ajudar os outros.

É normal, às vezes até entre almas boas, criarem-se conflitos íntimos, que chegam a produzir sérias preocupações, mas que carecem de qualquer base objetiva. Sua origem está na falta de conhecimento próprio, que conduz à soberba: ao desejo de se tornarem o centro da atenção e estima de todos, à preocupação de não ficarem mal, de não se resignarem a fazer o bem e desaparecer, à ânsia de segurança pessoal... E assim, muitas almas que

poderiam gozar de uma paz  
extraordinária, que poderiam  
saborear um imenso júbilo,  
transformam-se, por orgulho e  
presunção, em infelizes e infecundas!

Cristo foi humilde de coração. Ao longo da sua vida, não quis para si nenhuma coisa especial, nenhum privilégio. Começa por permanecer nove meses no seio de sua Mãe, como qualquer outro homem, com extrema naturalidade. O Senhor sabia de sobra que a humanidade necessitava dEle com urgência. Tinha, portanto, fome de vir à terra para salvar todas as almas. Mas não precipita o tempo; vem na sua hora, como chegam ao mundo os outros homens. Desde a concepção até o nascimento, ninguém - a não ser São José e Santa Isabel - percebe esta maravilha: Deus veio habitar entre os homens!

O Natal também está rodeado de uma simplicidade admirável: o Senhor vem sem estrondo, desconhecido de todos. Na terra, só Maria e José participam da divina aventura. Depois, os pastores, avisados pelos Anjos. E, mais tarde, os sábios do Oriente. Assim se realiza o fato transcendente que une o céu à terra, Deus ao homem!

Como é possível tanta dureza de coração, que cheguemos a acostumar-nos a estes episódios? Deus humilha-se para que possamos aproximar-nos dEle, para que possamos corresponder ao seu amor com o nosso amor, para que a nossa liberdade se renda, não só ante o espetáculo do seu poder, como também ante a maravilha da sua humildade.

Grandeza de um Menino que é Deus! Seu Pai é o Deus que fez os céus e a terra, e Ele ali está, num presépio,

*quia non erat eis locus in diversorio,*  
porque não havia outro lugar na  
terra para o dono de toda a Criação.

Não me afasto da mais rigorosa  
verdade se digo que Jesus continua  
ainda hoje a buscar pousada no  
nosso coração. Temos que lhe pedir  
perdão pela nossa cegueira pessoal,  
pela nossa ingratidão. Temos que lhe  
pedir a graça de nunca mais lhe  
fechamos a porta de nossas almas.

O Senhor não nos oculta que a  
obediência rendida à Vontade de  
Deus exige renúncia e entrega,  
porque o amor não reclama direitos;  
quer servir. Ele percorreu primeiro o  
caminho. Jesus: como foi que  
obedeceste? *Usque ad mortem,*  
*mortem autem crucis,* até à morte, e  
morte de Cruz. Temos que sair de nós  
mesmos, *complicar a vida,* perdê-la  
por amor de Deus e das almas... *Tu*  
*querias viver, e que nada te*  
*acontecesse; mas Deus quis outra*

*coisa... Existem duas vontades: a tua vontade deve ser corrigida para se identificar com a Vontade de Deus, e não a de Deus torcida para se acomodar à tua.*

Tenho visto, com alegria, muitas almas jogarem a vida - como Tu, Senhor, *usque ad mortem!* - para cumprir o que a vontade de Deus lhes pedia, dedicando seus esforços e seu trabalho profissional ao serviço da Igreja, pelo bem de todos os homens.

Aprendamos a obedecer, aprendamos a servir. Não há maior fidalguia do que entregar-se voluntariamente a servir os outros. Quando sentimos o orgulho que referve dentro de nós, a soberba que nos leva a pensar que somos super-homens, é o momento de dizer *não*, de dizer que o nosso único triunfo há de ser o da humildade. Assim nos identificaremos com Cristo na Cruz,



sem nos sentirmos aborrecidos ou inquietos, nem com mau humor, mas alegres, porque essa alegria, o esquecimento de nós mesmos, é a melhor prova de amor.

Permiti-me que volte de novo à naturalidade, à simplicidade da vida de Jesus, que já vos tenho feito considerar tantas vezes. Esses anos ocultos do Senhor não são coisa sem significado, ou uma simples preparação dos anos que viriam depois, os anos da sua vida pública. Desde 1928, compreendi claramente que Deus desejava que os cristãos tomassem por exemplo toda a vida do Senhor. Entendi especialmente a sua vida escondida, a sua vida de trabalho comum entre os homens: o Senhor quer que muitas almas encontrem o seu caminho nesses anos de vida silenciosa e sem brilho. Obedecer à vontade de Deus, portanto, é sempre abandonar o egoísmo; mas não é necessário que se

reduza predominantemente a um afastamento das circunstâncias habituais que rodeiam a vida dos homens, iguais a nós pelo seu estado, pela sua profissão, pela sua situação na sociedade.

Sonho - e o sonho já se tornou realidade - com multidões de filhos de Deus santificando-se na sua vida de cidadãos comuns, compartilhando ideais, anseios e esforços com as demais pessoas. Preciso gritar-lhes esta verdade divina: se permanecéis no meio do mundo, não é porque Deus se tenha esquecido de vós, não é porque o Senhor não vos tenha chamado. Deus vos convidou a permanecer nas ocupações e nas ansiedades da terra, porque vos fez saber que a vossa vocação humana, a vossa profissão, as vossas qualidades não só não são alheias aos seus desígnios divinos, mas foram santificadas por Ele como oferenda gratíssima ao Pai!

Recordar a um cristão que a sua vida não tem outro sentido senão o de obedecer à vontade divina não é separá-lo dos outros homens. Pelo contrário: em muitos casos, o mandamento recebido do Senhor é que nos amemos uns aos outros como Ele nos amou *vivendo junto dos outros e tal como os outros*, entregando-nos ao serviço do Senhor no mundo, para dar a conhecer melhor a todas as almas o amor de Deus; para Lhes dizer que *se abriram os caminhos divinos da terra*.

O Senhor não se limitou a dizer que nos amava, mas demonstrou-o com obras. Não esqueçamos que Jesus Cristo se encarnou para ensinar, para que aprendamos a viver a vida dos filhos de Deus. Recordemos o preâmbulo do evangelista São Lucas nos Atos dos Apóstolos: *Primum quidem sermonem feci de omnibus, ó Theophile, quae coepit Jesus facere et docere*, falei de tudo o que de mais

notável Jesus fez e pregou. Veio ensinar, mas fazendo; veio ensinar, mas sendo modelo, sendo o mestre e o exemplo com a sua conduta.

Agora, diante de Jesus Menino, podemos continuar o nosso exame pessoal: estamos decididos a procurar que a nossa vida sirva de modelo e ensinamento aos nossos irmãos, aos nossos iguais, os homens? Estamos decididos a ser outros Cristos?

Não é suficiente dizê-lo com a boca. Tu - pergunto-o a cada um de vós e pergunto-o a mim mesmo - tu, que por seres cristão és convidado a ser outro Cristo, mereces que se repita de ti que vieste *facere et docere*, fazer tudo como um Filho de Deus, atento à vontade de seu Pai, para que deste modo possas levar todas as almas a participarem das coisas boas, nobres, divinas e humanas da Redenção? Estás vivendo a vida de Jesus Cristo

na tua vida habitual no meio do mundo?

Fazer as obras de Deus não é um bonito jogo de palavras, mas um convite a gastar-se por Amor. Temos que morrer para nós mesmos, a fim de renascermos para uma vida nova. Porque assim obedeceu Jesus, até à morte de Cruz, *mortem autem crucis. Propter quod et Deus exaltavit illum*, Por isso Deus o exaltou. Se obedecermos à vontade de Deus, a Cruz será também Ressurreição, exaltação. Cumprir-se-á em nós, passo a passo, a vida de Cristo; poder-se-á afirmar que vivemos procurando ser bons filhos de Deus, que passamos fazendo o bem, apesar da nossa fraqueza e dos nossos erros pessoais, por mais numerosos que tenham sido.

E quando vier a morte, que virá inexoravelmente, esperá-la-emos com júbilo, como tenho visto que o

souberam fazer tantas pessoas santas no meio da sua existência diária. Com alegria, porque, se imitarmos Cristo em fazer o bem - em obedecer e levar a Cruz, apesar das nossas misérias - ressuscitaremos como Cristo: *Surrexit Dominus vere!*, que ressuscitou realmente.

Jesus, que se fez menino - meditemos -, venceu a morte. Pelo aniquilamento, pela simplicidade, pela obediência, pela divinização da vida comum e vulgar das criaturas, o Filho de Deus foi vencedor!

Este foi o triunfo de Jesus Cristo. Assim nos elevou ao seu nível, ao nível dos filhos de Deus, descendo ao nosso terreno, ao terreno dos filhos dos homens.

opusdei.org/pt-br/article/deus-esta-  
aqui-3/ (15/01/2026)